

POR UM FIO DE MEMÓRIA:
A FAZENDA VELHA
QUE FOI DE RONDON
(RONDONÓPOLIS, MT)

Jocenaide Maria Rossetto Silva



Figura 9. Casa na sede da Fazenda Velha. Fotografia: Everton Neves, Rondonópolis, 7 abr. 2016.

POR UM FIO DE MEMÓRIA: A FAZENDA VELHA QUE FOI DE RONDON (RONDONÓPOLIS, MT)

IN A MEMORY WIRE: THE OLD FARM THAT
WAS RONDON (RONDONÓPOLIS, MT)

Jocenaide Maria Rossetto Silva

Professora da Universidade Federal de Mato Grosso, curso de História. Doutora em História Social (PUC/SP) e Mestre em Educação (UFMT). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Interface: História, Museologia e Ciências Afins. Coordenadora do Núcleo de Documentação Histórica Otávio Canavarros (HIS/ICHS/CUR/UFMT).

RESUMO: Esta pesquisa trata da *Fazenda Velha de Rondon*, do início do século XX à atualidade, em Rondonópolis-MT. O principal objetivo estabelecido foi coletar informações, memória oral, fotografias e documentos oficiais que, analisados e submetidos ao cruzamento das fontes, propicie retirar sua história do esquecimento. Os resultados mostram as potencialidades históricas e culturais da Fazenda, cuja representação é, na atualidade, a casa da sede, visto que todas as demais benfeitorias já não existem mais, e a terra foi loteada, vendida ou desapropriada por interesse público ao longo do tempo. Assim, recomendamos o tombamento para o patrimônio histórico e cultural do município e do estado de Mato Grosso, considerando sua relevância histórica e arquitetônica, a localização à margem do rio Vermelho, na área urbana da cidade.

Palavras-chave: História de Mato Grosso. Cândido Mariano da Silva Rondon. Linhas Telegráficas. Patrimônio Histórico. Rondonópolis.

ABSTRACT: This research addresses *Fazenda Velha de Rondon*, from the beginning of the twentieth century until nowadays, in Rondonópolis, state of Mato Grosso. The main goal established was to gather information, oral memory, photos and official documents which might allow us to withdraw its history from oblivion when analyzed and undergone through data crossing. The results

show us the cultural and historical potentialities of Fazenda, which representation sets nowadays, the house's headquarters since all other improvements no longer exist and the land was subdivided, sold or misappropriated by public interest over the years. Thus, we recommended the heritage listing of it as cultural and historical patrimony of the county and of the state of Mato Grosso considering its historical and architectural importance, its localization on Vermelho riverbank, in the urban area of the city.

Keywords: History of Mato Grosso; Cândido Mariano da Silva Rondon. Telegraph Lines; Historical Patrimony. Rondonópolis.

INTRODUÇÃO

A *Fazenda Velha do Rondon* e outras vizinhas, que pertenceram a seus parentes, são imagens longínquas, quase apagadas pelo tempo. Cheguei a pensar que era lenda na história de Rondonópolis-MT, todavia, os silêncios deixam vestígios que relutam em cair no esquecimento. Alguém, vez ou outra, se reporta a *Ela*, aos eventos sociais, políticos e culturais ali presenciados. Em outros momentos, aqui ou acolá, outro afirma ter ouvido dizer que..., pois velhos contam e recontam causos de personagens que, de alguma maneira, ficaram na História:

Era um verdadeiro paraíso aquela fazenda velha, que os antepassados conheceram [...] a árvore em frente a casa velha do Rondon, construída por Geronimo Lopes um dos cruzadores dos postes telegráficos [...] as pedras que sobrepuseram-se e ainda firmam o alicerce da casa com seus esteios. (CURY, 1973, p. 199).

Neste exercício tão característico à humanidade, as gerações do presente, se indagadas, buscam pelas lembranças, pela memória¹⁰ e reencontram os fatos e o jeito de contar dos pais, avós, tios e outros.

O Instituto de Terras do Estado de Mato Grosso – Intermat mantém em seus acervos documentais dados sobre a distribuição de títulos de terras na região, do início do século XX. Desses dados, foram elaborados mapas e se confirmaram fatos que a memória social manteve em seus recantos de preciosidades.

Do início das manhãs, ao cair da tarde de alguns dias, do tempo dedicado à pesquisa sobre o Marechal Rondon e seus familiares em Mato Grosso, nos anos de 2011 a 2016, novas informações e documentos se entrelaçaram e anseiam por uma redação histórica capaz de contribuir para que outros visualizem, nas nesgas do tempo, alguma coisa a mais sobre a *Fazenda Velha do Rondon*.

Localizamos na história às margens do rio Vermelho, ou seja, *Poguba* e o Córrego *Arareau ou araro-ei-auro*, rio da Piraputanga para o povo Bororo, onde as lagoas ainda remetem ao imaginário dos cemitérios desta etnia indígena; aos pântanos e as águas profundas, conforme menciona Cristina Campos (2004), que se vão em direção ao encontro de outras: o Ribeirão Ponte de Pedra, o Rio São Lourenço (*Pogabadorên*), o Rio Cuiabá e outros pequenos, mas não menos importantes afluentes que alimentam o alto pantanal de Santo Antônio do Rio abaixo, atual Santo Antônio de Leverger, cujas baias

10 Pollak (1989; 1992); Lübbe (2016); Bosi (1987; 2003), Le Goff (2003).

de Siá Mariana e do Chacororé permitiram a navegação até Mimoso, local onde nasceu o menino Cândido Mariano da Silva e de onde, a voos de pássaro, olhavam para o *Pogúbo*, posteriormente, povoado Rio Vermelho, atual Rondonópolis.

As águas se constituíam em caminhos transitáveis e condição para a manutenção da vida no interior da América do Sul. Das águas do rio Vermelho, pouco abaixo do encontro com o Ribeirão Ponte de Pedra, se fixaram homens, mulheres e crianças da pré-história do continente, conforme atestam as aldeias a céu aberto e os abrigos sob rochas no Morro Solteiro, datados de até 10.000 anos atrás, segundo os arqueólogos¹¹ do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, do Museu Nacional de Pré-história da França e do Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Goiás.

Em tempo mais recente, conforme a documentação histórica e os registros dos missionários salesianos, Albisetti & Venturelli (2013), o povo Bororo Oriental e Ocidental ocupava todo esse território, desde os Registros do Araguaia até depois das divisas Brasil/Bolívia.

A partir do século XVIII da nossa era, durante a ocupação do interior do Brasil por povos não índios, outros percorreram as águas do alto pantanal, assim mostram os diários de viajantes e documentos correlatos a sesmarias, quilombos, propriedades rurais, bem como aventureiros, bandeirantes, monçoeiros, expedições científicas, destacamentos militares, comissões das linhas telegráficas e estratégicas, missões religiosas e outras que se estendem pelos territórios das mais de trinta e seis etnias indígenas do atual estado de Mato Grosso.

Diante do contexto exposto, apresentamos neste artigo alguns resultados das pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa Interfaces: História, Museologia e Ciências Afins (HIS/ICHS/CUR/UFMT).

Inicialmente, a documentação coletada conduziu a narrativa, tendo por objetivo o cruzamento de dados que trazem para a cena histórica a *Fazenda Velha de Rondon*, aninhada à margem do rio Vermelho e Córrego Lourencinho, pouco antes do Córrego Arareuau se juntar a eles. Em seguida, cuidamos de registrar algumas passagens da autobiografia “*Rondon conta sua vida*” publicado por Esther Viveiros, onde ele se reporta a Rondonópolis, aos rios da região e ao povo Bororo¹². Na sequência, as memórias de quem conheceu a casa

11 Vilhena Vialou A., & Figutti (2013), Vilhena-Vialou (2006), Wust (1995; 1990), Galdino (2016), Souza, E. H. (2016), Souza J. A. (2016).

12 Desta etapa participaram alguns estudantes matriculados no seminário “História e Memória” (HIS/ICHS/CUR/UFMT): Adyla Ribeiro de Oliveira, Alessandra Alves Galdino, Evalderiany Honorata de Souza, Jane Aparecida Ferreira, Joadila Albino de Souza, Mauro Franssuhá Guilherme da Silva e Suely Alves dos Santos.

onde é a sede da *Fazenda Velha que foi de Rondon*, em Rondonópolis, na década de 1970, momento de seu apogeu produtivo e quando um significativo número de famílias - noventa e seis - lá trabalharam na condição de arrendatários, construindo seus cotidianos permeados das dificuldades e superação de obstáculos. Por fim, apresento as impressões da *Fazenda Velha que foi de Rondon* ao visitar a casa da sede, em 2016, quando esta foi repartida em muitos terrenos, como era de sua vontade, desdobrando-se, à partir de meados do século XX até os dias atuais, no enraizamento de famílias, na instalação de parques, indústrias, comércio, Exército e outras instituições que representam o avanço do capitalismo e desenvolvimento local; além das ações da Prefeitura Municipal de Rondonópolis de desapropriação de parte das terras que ainda restam para obras urbanas de interesse público¹³. Estas são as principais motivações da pesquisa realizada com objetivo de reencontrar sua história e as memórias, para que sejam usadas em favor de seu tombamento e destinação ao uso do patrimônio histórico, cultural e turístico em Rondonópolis e região.

A FAZENDA VELHA DE RONDON ANINHADA ÀS MARGENS DO RIO POGÚBO SE ENTRELAÇA À HISTÓRIA DE RONDONÓPOLIS

Anteriormente ao Povoado Rio Vermelho, e mesmo depois que este começou a ser organizado, estava e permanece o povo Bororo. As aldeias antigas¹⁴ foram se refazendo, mudando de lugar e, por fim, agrupadas em Terras Indígenas delimitadas pelo Governo Federal. A partir de 1902, há registro da fixação dos primeiros moradores não índios¹⁵, os quais começaram a povoação do local e os pedidos ao Estado para legitimar as terras ocupadas. Desse esforço, foi promulgado o Decreto-Lei nº 395, de 10 de agosto de 1915, determinando 2.000 hectares ao Povoado Rio Vermelho. Anos mais tarde,

13 DIORONDON (Nº 3554; 3777; 3581; 3573; 3529; 3439 e 3509) e notícias da imprensa sobre o Parque Municipal Siriema.

14 Cury (1973), aldeias Pobore, Quejare, Meduro, Poroxo, Piebaga, Perigara, Míao Paro, Jarudore e outras; além das colônias Tereza Cristina, Simão Lopes e Santa Isabel.

15 Cury (1973), Luiz Esteves Rodrigues dos Santos, Manoel Conrado dos Santos e sua esposa Domingas e os filhos: João, Manoel, Jeronimo, Raimundo, Germano, Vicência, Horácio e Benedita. Posteriormente chegou José Rodrigues dos Santos irmão de Manoel. Nasceu no povoado o menino Antônio Rodrigues dos Santos em 03/01/1903. Mais tarde, em 1906, chegaram outros parentes: Gertrudes Rodrigues dos Santos, o professor João Caetano Ferreira, além de outras pessoas. Os filhos de José Rodrigues eram: José, Isaias, Jeronimo, João, Luis, Maria, Pedro, Felisbino, Isordina e Isabel. Outros nomes citados: Hibrisido Rodrigues dos Santos, Eduardo e Moises Rodrigues dos Santos. Em 1907 chegam José Furtado, Manoel Lopes da Silva, Fermino Rodrigues dos Santos, Gregório Rodrigues dos Santos, Maria Rosa Barbosa; Marculino Delgado, João Lucas Evangelista. Em 1915 Jerônimo Lopes Esteves, Manoel Lopes da Silva e familiares.

as propriedades foram recenseadas pelo Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio (Figura 1), cujo documento mostra, na região considerada de Cuiabá, alguns dos primeiros moradores e as terras a eles vinculados.

**Figura 1. Recenseamento das propriedades do Mato Grosso (1920).
Delimitação da área: Rondonópolis e imediações.**

Proprietário	Propriedade
Jorge Cure Muce	Santa Cruz
José Rodrigues dos Santos	Bôa Vista
Virgílio Lucas Evangelista	Cachoeirinha
Francisco Lucas Evangelista	Santo Antônio
Otávio Pitaluga	Tadarimana
José Francisco Dias	Bajarra
General Rondon	Jorique
Romão Pereira dos Santos	Tadarimana
Jeronymo Lopes Esteves	fazenda Ararião
Miguel Lucas Evangelista	Anhumas
Joaquim Fernandes Cesário e Antonio Fernandes de Souza	Barreiro
Maximino José de Carvalho,	Lageado

Fonte: MINISTÉRIO da Agricultura, Indústria e Commercio. Directoria Geral de Estatística.

Recenseamento do Brazil. Realizado em 01 de setembro de 1920. Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Matto Grosso. Rio de Janeiro: TVP da Estatística, 1920.

O documento em questão foi coletado pelo pesquisador Benjamin Rodrigues dos Santos e consta do acervo familiar de Clotildes Farias, filha de Maria Santina de Souza Menezes e Urbano Rodrigues de Farias, neta de Jeronimo Rodrigues dos Santos e bisneta de José Rodrigues, o que explica as fotografias disponibilizadas:

Fotografia 2 - O senhor da esquerda com chapéu na mão é o meu avô Jerônimo Rodrigues dos Santos, chegou aqui com dois anos de idade vindo de Palmeiras de Goiás com seu pai José Rodrigues dos Santos em 1902. Esta foto é do início da década de 50, não tenho precisão exata da data. As outras pessoas não sei quem são, mas meu pai falava que o de óculos escuro era o piloto.

Fotografia 3 - Os dois senhores sentados são os tios e padrinhos de meu pai, tio Isaías e tia Josefa. As outras pessoas são filhos e parentes deles. Assim como meu avô Jerônimo, o tio Isaías chegou aqui em 1902 com seu pai José Rodrigues dos Santos. Esta foto

é também da década de 50 e foi tirada na Boa Vista, hoje distrito de Rondonópolis.

Figuras 2 e 3 – Familiares de José Rodrigues dos Santos (1950).



Fonte: Acervo familiar de Clotildes Farias.

Outros documentos que datam de alguns anos mais tarde demonstram a regularização de algumas propriedades (Figuras 4), dentre essas ressaltamos a Fazenda Velha de Rondon, ou seja, a Fazenda Morro Azul, com título de terra doado ao General Cândido Mariano da Silva Rondon, em 29 de novembro de 1944, tendo por limite o rio Vermelho, o Córrego Arareau, o Rio Jurigue e o Córrego Sucuri, e cortada pelo Córrego Lourencinho, além de outros muitos veios de água que formavam lagoas no vale do rio Vermelho. Na margem oposta do rio se encontra a terra Indígena Tadarimana¹⁶. Tais fatos,

16 O título de posse dessa reserva indígena com área de 9.785.00 hectares, foi expedido em 22 agosto de 1951, em favor dos índios Bororo de Pobore, conforme consta no Livro 35, folha 113 v. Intermat.

somados às características do solo, à alimentação existente e a outros aspectos agregadores da cultura Bororo, mantinha-os em suas imediações, conforme atestam os estudos de etno-história e de historiadores.

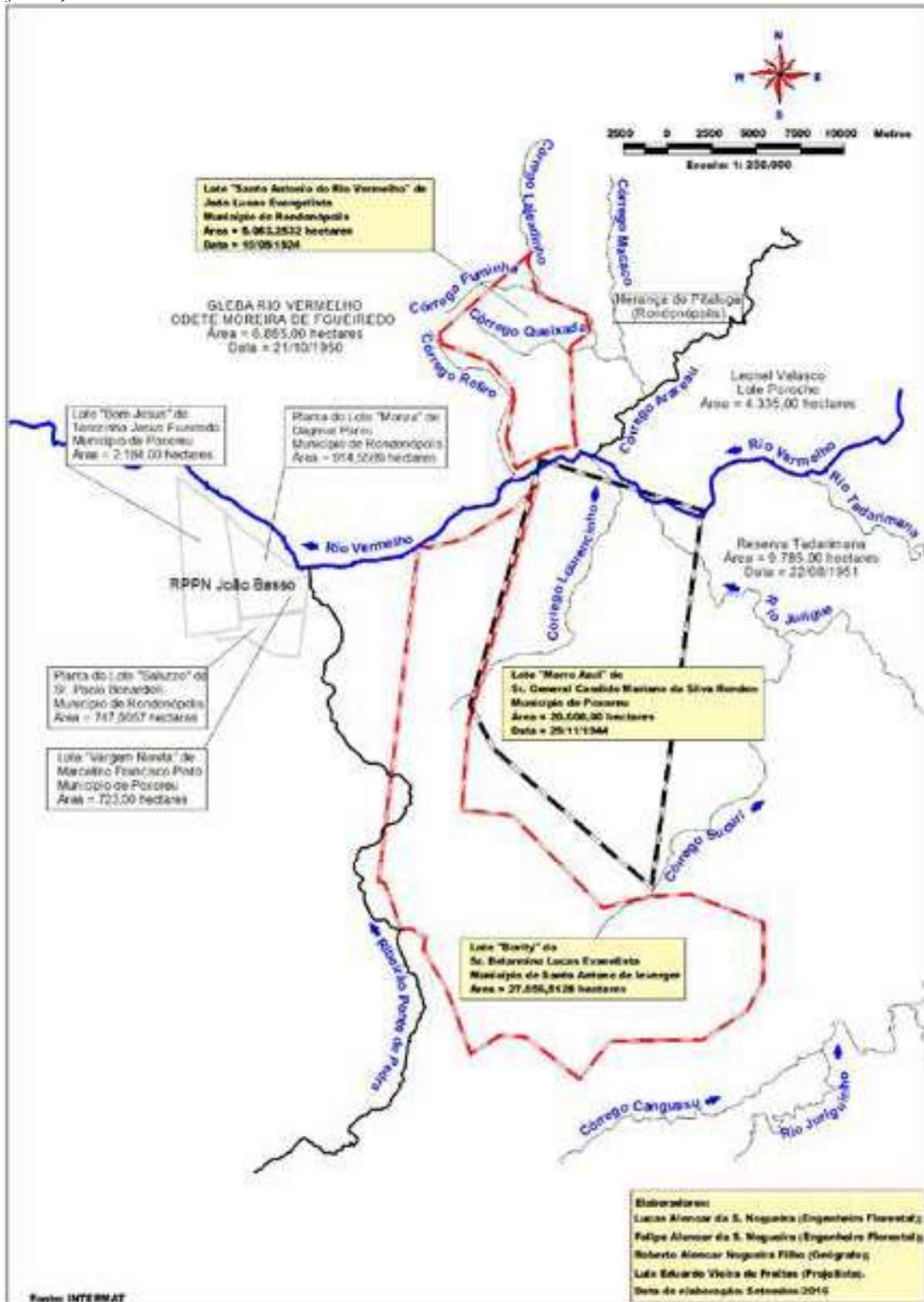


Figura 4. Mapa de títulos de terras na região de Rondonópolis. Em destaque a localização da *Fazenda Velha de Rondon*, no encontro do rio Vermelho com o Córrego Arareau. Fonte: Interemat.

Por “Fazenda Velha” também foram chamadas as propriedades anexas à de Rondon, todavia, pertenciam aos seus parentes: a Fazenda Santo Antônio do Rio Vermelho, requerida por João Lucas Evangelista, com título de terra expedido em 10 de maio de 1924; e o lote Bority, requerido por Belarmino Lucas Evangelista, sem data especificada na base de dados do Intermat¹⁷.

Carmelita Cury menciona a chegada de João Lucas Evangelista no Povoado Rio Vermelho, em 1907, parente de Rondon, e à Fazenda Velha:

[...] os dois primeiros matogrossenses Marculino Delgado vindo da capital e um primo de Rondon, João Lucas Evangelista, o qual há mais de um ano havia preparado campo para a fixação de sua família, cuja residência ainda permanece como um dos centros de visão conhecida por antiga Fazenda Velha do Rondon, nas proximidades da casa de Manuel Conrado. (CURY, 1973, p. 25).

Na árvore genealógica de Rondon há um homônimo de João Lucas Evangelista, que foi seu avô materno. Nos escritos de Carmelita Cury (1973), há a indicação de que João Lucas Evangelista residiu na região conhecida como Cachoeirinha, próxima ao rio Jurigue, onde nasceram seus filhos, dentre eles Francisco Cândido Rondon. Outro documento amplia tais informações, trata-se de um recorte de jornal escrito em “Jorigue”, em 6 junho de 1918:

Fui empregado da Comissão das linhas telegráficas até Março de 1915. A partir desta data, trabalhei por minha própria conta, na minha fazenda de S. Antônio, à margem do rio Pogúbo. Nos meses de Agosto, Setembro e Outubro de 1917, auxiliei trabalhos de medição das terras adquiridas pelo sr. Coronel Rondon, e somente em Março do corrente anno, comecei a trabalhar definitivamente como administrador das suas propriedades [...] Jorigui, 6 de junho de 1918. João Lucas Evangelista. (SANTOS, Benjamin. História de São Lourenço de Fátima. Disponível em <https://plus.google.com/+BenjamimRSantos>. Acesso em 29 set. 2016).

A outra propriedade anexa à anterior, muito mais extensa, foi registrada em nome de Belarmino Lucas Evangelista, e se estende

17 Intermat. Fazenda Jurigue outrora Morro Azul. Requerente General Cândido Mariano da Silva Rondon em 29 de novembro de 1944, com 20.608 hectares; registrada no Livro 19, folha 24. Intermat. Fazenda Santo Antônio do Rio Vermelho, de propriedade de João Lucas Evangelista, com área de 5.083 hectares, título de terra expedido em 10 de maio de 1924; registrada no livro 12, folha 116. Intermat. Fazenda Burity, requerida por Belarmino Lucas Evangelista, originária de permuta com a Codemat, registrada no livro 11, páginas 126 -127.

até o Ribeirão Ponte de Pedra e ao Córrego Canguçu. Quanto à indicação no mapa de herança do Pitaluga, poderá ser explicada pelos apontamentos de Carmelita Cury (1973) como uma área de terra que se limitava com o aldeamento indígena denominado Porocho. Esta escritora explica que o Major Otávio Pitaluga foi político, escritor, agrimensor e técnico da Comissão Rondon e responsável pela instalação do Posto Telegráfico no Povoado Rio Vermelho. Foi morador do povoado e autor do requerimento das terras e do planejamento urbano e rural.

RONDONÓPOLIS “NAS LINHAS” DE RONDON

No exercício de memória e escrita dessa parcela da História de Rondonópolis, na cantata das vozes daqueles que já se foram e de outros que ficaram, há um lugar especial, a explicação do *nome da cidade, porto e a balsa* que transportava as pessoas sobre o fundo e perigoso rio Vermelho, logo depois do encontro das águas com o Córrego Arareau.

Sobre o nome do porto e o da cidade, escreveu Rondon, por ocasião da prorrogação do contrato da Estrada de Ferro Norte de Mato Grosso, que fora defendido por ele e objeto de muitas reuniões com autoridades, sendo assinado em São Paulo e firmado em Cuiabá:

Eis como comemorei o 1º de fevereiro de 1926: Levantámo-nos, eu e Benjamin, às 4 horas, para chegar a casa do Presidente de Mato Grosso às 5,30 horas. Mas só às 7 horas, a cavalo todos, partimos para o local onde foi cravada a estaca zero da locação do traçado da Estrada de ferro Norte de Mato Grosso. Fomos daí ao ponto escolhido para a instalação da estação principal.

Nesse mesmo dia dei ao porto, em Rondonópolis, o nome de porto 1º de fevereiro. Rondonópolis foi nome dado a parte da região do São Lourenço pelo Capitão Pitaluga que acompanhava os trabalhos da Linha Telegráfica naquela zona. Deputado estadual, apresentou logo o projeto nesse sentido, malgrado os meus protestos e contra a minha vontade, que era dar a essa região o nome de Borória, pois era habitada por esses índios. (VIVEIROS, 1969, p. 486-487).

Borória seria a homenagem que gostaria de fazer a essa etnia indígena, possivelmente pela relação de amizade cultivada por anos e, quem sabe, por ser dessa descendência por parte de sua bisavó

materna. Todavia, Pitaluga, enquanto deputado estadual, resolveu homenagear o próprio Rondon, desconsiderando a sua vontade; a vontade dos primeiros moradores que se empenhavam em firmar o povoado Rio Vermelho; bem como, o original Poguba e as muitas referências à região do Arareau.

Rondon e os Bororo trocavam visitas, presentes e favores. Na cultura desta etnia, conforme registrou Jocenaide Maria Rossetto Silva (2013), é tradição retribuir as gentilezas. Assim, quando Rondon se reportava à Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso (1900-1906), comentou que, em uma visita à aldeia de Kejare, foi convidado a permanecer por mais dois dias, porque os indígenas gostariam de homenageá-lo com o Bacorôro:

[...] procurei em sua aldeia de Kejare (buraco do morcego) o capitão borôro dos aldeamentos do São Lourenço, *Chemejera* (chefe ou cacique) Oarine Ecureu (andorinha amarela). [...] os índios queriam prestar-me uma homenagem [...]

Foi o bacorôro especialmente dedicado a mim, o pagmejera (grande chefe) que viera abraçar os seus amigos do Poguba, na aldeia de Kejare.

Despedimo-nos a 5 de dezembro de nossos amigos borôros [...] passamos por Piebaga e Arareau, onde inspecionei os trabalhos executados. (Idem, *ibidem*, p. 124).

O bororo Frederico Coqueiro, ao relatar suas memórias, menciona uma das visitas do Testa Grande (*Jeri Kurireu*), ou seja, Candido Mariano da Silva Rondon, a Kejari. Sendo que esta nos parece ser a mesma visita registrada por Rondon, embora nas memórias do ancião morador de Meruri, ao contar os fatos a Camargo (2001), que registrou suas memórias, se refere a outro nome para o chefe¹⁸. Naquela oportunidade, afirma Coqueiro que os Tugarege e Cerae (as duas metades que compõem a aldeia) chefiados por *Bakorokudu*, mataram vaca, colheram mel e frutos silvestres e o receberam:

[...] Ele chegou e eles estenderam tapetes para ele se assentar (esteira de palha de babaçu, esteira de seda de buriti, couro de onça pintada e couro de onça parda). Depois amarraram na cabeça dele o “pariko” (grande diadema de penas de cauda de arara e de

18 Neste caso temos que considerar que os Bororo, ao serem representantes dos mortos contraem novos nomes e ainda, que a mesma pessoa pode ter sido chamada de forma diferente pelo bororo e pelo não índio. Todavia, a confusão de nomes, não inviabiliza ou prejudica os fatos, que parece ser o mesmo.

outras aves). Puseram-lhe também pregos (penas ornamentais) de gavião e águia na cabeça.

Depois, cantaram sobre ele e as mulheres choraram para ele. Ele sentou-se. Os Bororo ofereceram-lhe mel silvestre, colocado em sua boca:

Depois, ofereceram-lhe seus alimentos. Ele foi comendo, um pouco de cada coisa. Ofereceram-lhe cigarros e ele foi experimentando um por um, depositando-os na bandeja de palha (os Bororo fizeram com ele segundo seu costume antigo). Depois que acabou (a recepção) ele deu para eles roupa, para todos. [...] Disse: __ Eu vou voltar a este lugar onde eu cheguei agora. Sejam fortes contra o sofrimento, contra as doenças, para que possam ver a minha vinda de novo aqui. Partiu logo, rio abaixo, num barco a motor. (CAMARGO, 2001, p. 319-320).

A troca de favores e presentes constituía uma das manifestações cotidianas de sociabilidades dessa etnia, bem como o trabalho coletivo. Tais constatações explicam porque quando Rondon precisou de ajuda, no trecho das linhas telegráficas do rio Arareau ao rio Itiquira, dos chefes Bororo *Chemejera* Oarine Ecureu, com 150 índios, e do Pagé Báru (céu), com mais 120 índios de Kejare e de Tatarimana, que, acompanhados das mulheres e crianças, o atenderam (VIVEIROS, 1969, 128-131).

Na mesma autobiografia observam-se, nos dados da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia (1890-1891), chefiada por Gomes Carneiro, que a localidade Ponte de Pedra, utilizada pelo destacamento militar, foi ponto de encontro dos membros da comissão e também do povo Bororo:

Inaugurada a primeira estação telegráfica, em Capim Branco, iniciar-se-ia nova fase nos trabalhos, o reconhecimento no sertão de Leste do Mato-Grosso, a fim de estatuir as minúcias do traçado previamente escolhido para assentamento da linha telegráfica que viria acelerar a comunicação já projetada pelo Governo da Monarquia [...]. Ponte de Pedra, local de antigo destacamento militar, assim se chamava por causa da ponte natural que um rochedo aí formava, sob ela passa um córrego, antes de se precipitar em formoso salto, o Salto da Ponte de Pedra. Era aí o ponto de encontro dos índios de Oeste (do rio São Lourenço) [...] com os do Leste, dos rios das Graças e Araguaia. (VIVEIROS, 1969, p. 67-68).

Rondon se refere ao córrego Arareau em vários documentos, ressaltamos uma dessas passagens, quando colocavam os postes das linhas telegráficas em direção ao Itiquira, fraldeando a serra de São Jeronimo:

A 22 de setembro - de 1900 - foi o trabalho iniciado pelo reparo da linha construída pela Comissão Bento Ribeiro: 113,5 quilômetros do rio Manso ao São Lourenço, e 10,5 quilômetros deste a Arareau (abreviatura de Araro-ei-auro, rio da Piraputanga). Nesses reparos foi empregado todo mês de outubro [...]

Foi a nova construção iniciada a 3 de novembro, partindo do poste 113, fincado na margem esquerda do córrego Arareau. [...] meu ajudante fornecendo-me dados que havia colhido em um reconhecimento que fizera em Itiquira, firmou-me na resolução de fraldear a serra de São Jerônimo [...] travessia dos múltiplos córregos e cabeceiras que desciam da serra para se espalhar no pantanal até 18 quilômetros.

De regresso a Uaiá [...] mandei buscar a estação provisória do acampamento, que se achava em Arareau. (VIVEIROS, 1969, p. 124-126).

Também se reporta a um acampamento temporário (bivacar) na Fazenda Velha, no dia 17 de junho de 1906: “[...] segui para bivacar [...] a 17, no da Fazenda Velha - e o trabalho continuava no mesmo ritmo ‘trabalhou-se na picada, abriram-se buracos, extraíram-se as madeiras, prepararam-se e distribuíram-se os postes, juntamente com o fio”.

Anos mais tarde, já na década de 1970, Ivanildo José Ferreira residiu na Fazenda Velha e lembrou dos postes das linhas telegráficas que cortavam a sede da mesma.

Na obra *Memórias Vivas de Rondonópolis*, Roberto Barcelos apresenta o depoimento de Simão Pinto, que nasceu na região de Santo Antônio de Leverger-MT, em 19 de junho de 1936:

O Marechal Rondon nunca chegou a morar em Rondonópolis [...] vinha para cá, ficava uns tempos na Colônia (Fazenda Velha) e voltava. A linha telegráfica que ele veio instalar aqui passava no Peixe de Couro, região do Pantanal, onde eu morava. A linha passava no nosso terreno. (BARCELOS, 2005, p. 3).

O *Posto Telegráfico do Arareau* foi construído proximoamente à travessia da balsa no rio Vermelho e inaugurado em 1922. Carmelita Cury ressalta que um filho de Rondon foi o primeiro chefe da Estação

de Correios e Telégrafos em Rondonópolis, residindo na fazenda de João Lucas Evangelista:

[...] Os primeiros membros da Estação Telegráfica foram nomeados pelo estado, sendo Benjamim Rondon o primeiro Chefe da Estação de Correio e Telégrafo [...] que residiu por muito tempo em Rondonópolis [...] na casa de João Lucas Evangelista ou [...] na casa do Correio. (CURY, 1973, p. 55).

A balsa, ao ser construída em 1926, possibilitava a travessia dos viajantes, dos moradores do povoado e de outros, inclusive os moradores da fazenda Velha. Todavia, é preciso que se diga que o Porto 1º de Fevereiro, localizado no início da Av. Marechal Rondon, recepcionava a balsa que partia da outra margem, nas imediações do córrego Lourencinho, das terras da Fazenda Velha de Rondon, e por onde cruzava a estrada de terra transitável a todos os que chegavam e partiam em direção ao Sul do país e ao Planalto Central:

Amarílio Pulquerio de França [...] residiu em Rondonópolis por alguns meses [...]. Transportando sempre passageiros, favorecendo [...] o conhecimento da famosa balsa do Rio Vermelho e os pequenos ranchos nos quais estavam algumas famílias dentre elas: [...] João Lucas Evangelista (Rondon) na fazenda Velha. (Idem, *ibidem*, p. 77).

Na primeira inspeção de fronteiras (1927), Rondon registrou sua passagem por Rondonópolis:

De Cuiabá parti por terra, para inspeciona a construção da rodovia que o Serviço de Proteção aos Índios estava executando, ligando essa cidade ao Pôrto Simões Lopes, do rio Teles Pires, próximo a cabeceira do Xingu. Inspeccionei também o ramal telegráfico até Rondonópolis e a rodovia de Campo Grande e Ponta Porã. (VIVEIROS, 1969, p. 516).

Uma viagem de São Paulo o Mato Grosso é lembrada por Rondon por ocasião de sua terceira campanha de inspeção das fronteiras no mês de outubro de 1929. Desta vez, apontou perspectivas para Rondonópolis. Ao chegar, vê a casa da Fazenda Velha olhando para o rio Vermelho, lá embaixo... no vale, a poucos metros da estrada de terra que serpenteava como a água os contornos do rio até encontrar-se com outro rio o Jurigue. Por esta estrada transitavam todos os que chegavam ou partiam de Rondonópolis:

Seguimos viagem, indo atingir, adiante do Joriquê, a margem esquerda do Poguba, braço principal do São Lourenço. Na margem oposta fora fundada a povoação Rondonópolis, nas circunstâncias já narradas. É centro de irradiação de estradas que vão para Três Lagoas, Campo Grande, Lajeado e para os garimpos de Pomba, São Pedro e Poxoreu. (VIVEIROS, 1969, p. 534).

Mais tarde, as políticas públicas federais incentivaram a ocupação do Centro-Oeste com a construção de estradas e pontes, como a do rio Vermelho, que proporcionou novo acesso a cidade pelas rodovias BR-364 e BR-163:

**Figura 5. Ponte no Rio Vermelho, abaixo de Rondonópolis (MT).
FALUDI, Stivan; SPERIDIÃO, Faissol.**



Fonte: IBGE. <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=425873>. Acesso em 29 set. 2016.

Tal evento fez com que a estrada de terra à margem do rio fosse, aos poucos, sendo esquecida, e a casa da sede da Fazenda Velha, que ficava de frente à ela e ao rio, teve os fundos transformados em frente, para quem chegava por uma estradinha que se instituiu como um novo caminho. A Fazenda Velha foi cortada pelas rodovias.

Desde então, a partir de 1950, ocorreu a reforma da estrada que levava a Campo Grande, passando pela fazenda de Rondon. Escreve Carmelita Cury que, quando Rondon quase não enxergava mais, visitou Rondonópolis e deixou com seu pai, Moisés Cury, uma procuração para que vendesse suas terras a preços mínimos. Os telegramas, enviados em 16 de fevereiro de 1951, de posse da mencionada família explicam que a venda foi motivada pela necessidade do inventário a ser

feito, em virtude do falecimento da esposa de Rondon, D. Francisca Xavier da Silva, dois anos antes, em 1949.

Assim, parte de suas terras foram adquiridas pelo Coronel Francisco de Paula Goulart que, mais tarde, vendeu-a a José Salmen Hanze; na sequência, não foi mais possível precisar quantos outros adquiriram lotes e chácaras, pois, após a abertura das rodovias ocorreram muitas mudanças no povoado, conforme registrou Luci Léa Lopes Martins Tesoro (1993). E então, aqueles que acreditaram no potencial da região conquistaram (1953) a emancipação do município. Anos mais tarde, uma parte da Fazenda Velha, justamente aquela onde existe a casa da sede, foi adquirida por uma família de italianos, que a mantém.

MEMÓRIAS DA FAZENDA VELHA QUE FOI DO RONDON (1970)

A Fazenda Velha, no final da década de 1960, já tinha, e ainda tem, uma antiga casa de adobe, com esteios de arueira, como explicou Rondon: “[...] a melhor madeira do sertão, resistente como ferro, conservando-se mais de um século depois de cortada” (VIVEIROS, *idem*, p. 73). A casa tem quatro quartos e duas salas que se comunicam, duas varandas, sendo uma onde existe um poço, a cozinha e uma despensa. Vamos percorrer a propriedade por meio das memórias de quem a conheceu, Ivanildo José Ferreira, neto de Alípio José Ferreira, que foi gerente da mesma por quase trinta anos, a contar de 1964:

Era 24 de agosto de 1969, dia de São Bartolomeu e do aniversário do Gilberto, um primo irmão que também estava conosco no caminhão de mudança. Chegamos pela porta da sala como era costume das visitas no interior de São Paulo. O chofer estacionou sua perua rural embaixo dos primeiros galhos da figueira. A casa estava para o sul de onde paramos. Uma calçada grande de uns seis metros de comprimento por três de largura com rampa encaminhava o visitante até a porta da primeira sala em duas folhas aberta. Mais uns três metros e outra porta, também com duas folhas, igualmente abertas...

Localizava-se entre o leste e o norte, numa proporção de cento e oitenta graus, abriam-se as vazantes e lagoas dos rios Jurigue e Vermelho, até ser fechado na foz do Córrego Lourencinho.

Para o Retiro, uma sede antiga com currais, casas e um pomar cercado de madeira em pé, distava cerca de um quilometro e meio.

E de lá, atravessava próximo de uma sombria e profunda lagoa; talvez a dos antigos cemitérios bororo, e a serra das famosas rochas como que resfriadas em água, dado ao seu formato aligeirado, chamadas pedra aço, em alusão ao seu peso, e seguia para o Marajá, Apoial, Buriti e serras da Saudade e Jiboia. Voltando-se para a desembocadura do Rio Jurigue.

Esta chegada foi antecedida por um pouso da mudança no Birro, o ponto de almoço no Córrego Esparramo e o descarregado das poucas peças de mudanças as quais trouxemos malas, na Praça Brasil, bucólica e solitária de pessoas. Daí um motorista que fazia carretos para os José de Matos e, posteriormente para os Villas Boas. Conhecia bem a Fazenda Velha, aliás famosa como aparentemente sempre tinha sido nestes tempos primeiros. Saída para Pedra Preta, com entrada à direita, mais seiscentos metros e o conjunto de mangueiras, babaçuais, figueiras e outras, disfarçavam os currais para centenas de cabeças de gado, galpões de arreios e montarias, dois carros de bois, cangas, canzis e..., campo de pouso, rego d'água, casa do monjolo, paiol, chiqueiros de porcos e poleiros para galinhas. (FERREIRA, 2016, p. 2).

De tempos em tempos, algum pequeno avião aterrissava suavemente no mencionado campo de pouso, trazendo viajantes, amigos e parentes com novidades e notícias. Todavia, essas também chegavam pela baleia ou jardineira, como era chamado o ônibus que percorriam a estrada de terra em direção a Campo Grande, e pela qual veio o caminhão de mudanças, transportando, além dos móveis e objetos pessoais, os sonhos da família de João José Ferreira Neto e Anna Lina de Souza Ferreira, com 32 e 33 anos de idade, respectivamente, e os meninos Ivandi José Ferreira, com 5 anos de idade, e o depoente, Ivanildo José Ferreira, à época com 11 anos de idade:

Uns instantes de segredos e de expectativas tomou conta do grupo chegante. O chofer estava certo de que era ali, na Fazenda Velha, a moradia de Alípio José Ferreira. Já os havia levado inúmeras vezes à casa deles, e então estava certo da missão cumprida. Meu pai, com aqueles ares de conquista de quem apenas aguardava alguns segundos para dar a grata surpresa de nossa chegada ao seu pai e a toda a sua família. O som das palmas tentaram anunciar a chegada. Inútil. Mais próximo da porta da sala, depois um lento adentrar na sala vazia com apenas um berrante pendurado na parede do sul, outra porta e em seguida uma sala se estendia

de leste para o oeste, imagino que seis por três; e quatro portas saíam desta sala. Desta, em linha reta e ainda para o sul, uma porta dava na cozinha de uns três por quatro com um enorme fogão de lenha na parede do sul. Para o leste a despensa, e para o oeste a porta que dava na área onde estava a cisterna protegida pela cobertura da área. (FERREIRA, 2016, p. 1).

Os olhos curiosos dos meninos perceberam os detalhes da casa, e os demais sentidos registraram as memórias olfativas e todas as demais memórias produzidas pelas sensações de frescor à sombra, o som da roça e a textura do abraço carinhoso da tia Alipia Ferreira Machado:

Pois bem! Com os passos e os chamados minha tia veio ao encontro do meu pai, e o abraçou nesta sala do meio. Daí ambos saíram na porta da frente da casa. Acolheu a todos e às nossas bagagens e cansaços de quatro dias de viagem desde Santo Antônio D'Oeste até a Fazenda Velha. Despedimo-nos do carroto e entramos em casa. Apenas a tia e a Iraci que a ajudava nas lidas domésticas, estavam em casa nestas primeiras horas da tarde.

Uns instante de surpresas e perguntas dolentes de saudades de cada um dos parentes, sogro, irmãos e parentes mais próximos que há anos não se viam. O casal morava sós no Mato Grosso daquela época, apenas com dois filhos jovens dela, Clésio Alves Ferreira e Gilberto Alves Ferreira. E foi assim a chegada: desejo, surpresas e acolhidas.

Por fim, um primeiro café com grãos colhidos, limpos e torrados em casa, forte cheiro de calor humano foi servido, e dali por diante passei a fazer parte daquela casa. Ainda chamava-me a atenção nesta casa, suas portas que, dos meus onze anos de idade pareciam-me com dois metros e vinte ou mais de altura, por um ou um metro, ou um e vinte de largura, abrindo-se para os dois lados, em todas as portas da parte antiga da casa. Em cada um dos quatro quartos duas janelas os guarneciam, também com duas abrindo-se para as laterais. Mais três salas compunham a parte aparentemente original da casa construída por Jeronimo Lopes. Ainda segundo me parecia na ocasião, a cozinha, a despensa e a área do poço com bancos e parapeito no sul e no leste compunham a parte de construção recente da casa, isto é a partir da compra da fazenda, provavelmente feita pelo novo proprietário, Fortunado Ernesto Vettorasso. (FERREIRA, 2016, p. 3).

Uma das atrações da fazenda, às famílias, era a Escola Estadual Rural Santa Cruz da *Fazenda Velha que foi de Rondon*. Esta foi criada na década de 1970, cuja professora, Edsonina Barbosa, se deslocava semanalmente de Guiratinga para ensinar aos alunos da turma multiseriada. Em visita à Fazenda, realizada em 7 de abril de 2016, durante a pesquisa, Everton Neves filmou e anotou em seu caderno de campo as memórias do professor Ivanildo J. Ferreira:

Estimam os mais velhos que a sede da Fazenda Velha foi construída em 1907, se isso for correto, terá hoje 109 anos. E em 1967 foi adaptada a Escola Rural Santa Cruz em um dos celeiros que fica mais ou menos vinte e cinco metros da casa da fazenda.

A casa da sede da fazenda tem como plano de fundo [...] as construções da cidade e o rio Vermelho [...] do outro lado da casa, se encontra um velho cemitério... (NEVES, 2016. p. 3),

A escola estava próxima ao açude, que era alimentado por regos d'água e de onde as crianças, os adolescentes, jovens e adultos ouviam a música do monjolo que, interruptamente, descascava o arroz, o café, preparava a canjica; o milho e a quirela para os animais e outros produtos de subsistência consumidos pelas crianças e adultos das 96 (noventa e seis) famílias de arrendatários, gerenciados pelo senhor Alípio José Ferreira:

Para o sudeste um pasto de pangola para tropa, na sequência a 'campo de avião' uma pista razoável com setecentos metros, por sessenta. Além da pista de pouso, a região plana e de cascalhos onde antigamente localizava-se a cerraria, movimentada por um rego d'água, o qual trazia água do Córrego Lourencinho por declividade. Não funcionava mais em 1969, quando eu a conheci. Nem meu avô o conheceu em 1964 quando chegou. Na verdade, era de tempos mais recuados. Tinha uns treze quilômetros de extensão, e atravessava o vale das bicas. Nestes lugares, os regos d'água subiam acompanhando o declive natural das grotas e, em um determinado ponto, eles eram encaminhados para bicas de madeira as quais uma terminava dentro do início da outra, e assim o rego d'água atravessava superfícies elevadas por esteios por dezenas ou até uma centena de metros, e retomava o solo novamente de onde corria paralelamente até pegar o rumo original programado. (FERREIRA, 2016, p. 5).

Na *Fazenda Velha que foi de Rondon* havia, como em muitas outras, um cemitério atrás da casa. Na atualidade ainda há restos das lápides sob as árvores que sombreavam uma parte do açude:

A casa da Fazenda Velha como me pareceu naqueles primeiros instantes e nos dias em que se seguiram, a mim se apresentava com aquela primeira sala desguarnecida de moveis, a qual, para o leste entrava no quarto de visitas, e do quarto de visitas uma porta dava para o quarto do casal.

Se a chegada foi pela porta da sala, a permanência na casa deu-se pela porta da cozinha. Diferentemente do terreiro da sala que era o curral, o da cozinha era amplo, sombreado, sempre limpinho e dava para a bica, onde se lavava as vasilhas e roupas, o açude e antes deste, o rego d'água que o abastecia. Ainda para o lado sul, mais uns oitenta metros um cemitério com um cruzeiro e várias cruces menores. Cemitério de inocentes diziam as pessoas da fazenda. De toda sorte, um cemitério. O cruzeiro indicava a sepultura de um menino de quatro anos de idade, acomodado em sua própria cama. Preces e orações eram realizados em todos os anos, principalmente pela ocasião do dia de finados, fiquei sabendo anos depois. (FERREIRA, 2016, p. 4).

As noites de lua cheia eram um convite às brincadeiras, para as crianças, e motivação para a roda de adultos, que passavam a limpo os fatos do dia e os causos de outros tempos. Nas memórias de quem a conheceu, existia um carinho especial por uma figueira, cuja sombra recepcionava a todos. Ela se localizava em frente a casa da sede da Fazenda Velha, e muitos fatos aconteceram tendo a frondosa árvore por testemunha. Ivanildo José Ferreira diz:

Na fazenda, ninguém à vista. Ares sombrios vinham de dois agentes imediatos; aliás três: o primeiro, a frondosa galharia da velha, conhecida e famosa figueira dos viajantes. A segunda, na verdade, onde havíamos apeado era um dos compartimentos do curral. O terceiro, a imponente parede da casa, com uns doze metros de frente por uns três ou mais de altura, também fazia sombrear o lugar em que estávamos. (FERREIRA, 2016, p. 2).

Durante o dia, as notícias dos viajantes eram partilhadas embaixo da figueira, onde também se realizavam festas, descansavam os animais e as crianças brincavam com a imaginação solta ao vento. Nas pontas dos galhos da árvore, cujas raízes e tamanho acabaram por interferir em sua permanência em frente à casa, determinou seu corte alguns anos mais tarde. Carmelita Cury relembra que mediu o diâmetro da tal árvore, quando escreveu seu livro, devido ao encantamento que proporcionava à fazenda e aos moradores da cidade:

[...] existe um marco histórico que vem imperando como a existência de um ser humano. Uma rainha majestosa e linda que viveu nas terras de Rondon desconhecida pelas gerações. Tão calma, silenciosa e bela ainda sobrevive. Trata-se de uma linda árvore que foi por mim condecorada como a “Árvore da História” [...] Centenas de vezes Marechal Rondon, com vários de seus companheiros sentaram-se debaixo de suas (...) sombras. Era um verdadeiro paraíso aquela fazenda velha, que os antepassados conheceram. [...] a árvore em frente a casa velha do Rondon, construída por Geronimo Lopes um dos cruzadores dos postes telegráficos. [...] as pedras que sobrepuseram-se e ainda firmam o alicerce da casa com seus esteios. (CURY, 1973, p. 198-199).

Figura 6. Festa na Fazenda Velha.



Fonte: Núcleo de Documentação Histórica Otávio Canavarros-NDHOC/ICHS/CUR/UFMT.
Procedência: Coleção Levanir

O artista plástico Joaquim Carvalho também partilha dessas memórias, pois conviveu com amigos, partilhou pescarias e festas na Fazenda Velha. Ele mantém em seu acervo particular fotografias da família do Sr. Alípio e também de outras:

Figuras 7. Ivanildo José Ferreira (Nido), Anna Lina de Souza Ferreira, João José Ferreira Neto.



Fonte: Acervo familiar de Joaquim Carvalho.

Figura 8. Alipia Ferreira Machado, Alípio José Ferreira e Beto.



Fonte: Acervo familiar de Joaquim Carvalho.

Na primeira fotografia, pode-se observar, para além dos sujeitos, um pouquinho da casa, o terreiro com mangueira e dois carros; na seguinte, pessoas que conversavam sem dar atenção para o fotógrafo, que se preocupou em captar a cena na melhor luz da manhã ensolarada.

Assim, as recordações, conforme coloca Beatriz Oliveira dos Santos Feitosa (2010), e o imaginário da Fazenda Velha estão sendo parcialmente apresentados nos depoimentos, nas memórias e fotografias, como esboço para estudos futuros a serem desenvolvidos por quem, pelo tema e contexto histórico, se interessar.

FAZENDA VELHA: PARECERES E RECOMENDAÇÕES DE HISTORIADORES

Esta casa (Figura 9) pode ser a mais antiga da região, construída no início do século XX. O material, adobe, era usado naquela época; os altos esteios em arueira, as proporções das janelas e portas de madeira demonstram a tecnologia e o trabalho de várias pessoas envolvidas em sua construção. Os vários cômodos que se abriam, um para dentro do outro, as salas e cozinha anexa à varanda e ao poço, demonstram poder em relação às demais construções que, nas memórias do entrevistado, eram menores e mais simples. A escolha do terreno, em local mais elevado, de onde se podia avistar o rio¹⁹ e a estrada de terra, a torna imponente na paisagem e expressa dominação sobre o vale.

Figura 9. Casa na sede da Fazenda Velha.



Fotografia: Everton Neves, Rondonópolis, 7 abr. 2016.

19 Na atualidade, o percurso até a Praça Brasil no centro da cidade é acessível pela av. Fernando Corrêa da Costa, atravessando a ponte em fase de acabamento, sobre o rio Vermelho, na Av. Lions Internacional, que sobe em direção a BR-364, situando-se nas seguintes coordenadas geográficas: latitude - 16°30'10.64"S e longitude - 54°36'56.55.

Tomando por referência os trabalhos na área do Patrimônio Histórico de Rondonópolis, realizados pela professora Dra. Laci Maria de Araújo Alves (1998; 2001), sobre a importância da casa e desta territorialidade para a história do município, concordamos com o estudante de história participante do grupo de pesquisa:

[...] uma sede que resistiu muito bem ao tempo. É uma casa grandiosa e com boa preservação. As portas de duas folhas dá para passar três pessoas ao mesmo tempo, suas janelas largas iguais as portas que possibilitam uma melhor refrigeração e entrada de ar, a casa construída de adobe [...] importantíssima para a [...] História cultural. Esta casa deve ser tombada pelo valor histórico e simbólico [...] para Rondonópolis. (NEVES, 2016, p. 1).

A Profa. Dra. Beatriz Oliveira dos Santos Feitosa apresenta o seguinte parecer:

Ter participado da visita à Fazenda Velha que foi de propriedade do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon permitiu um exercício importante de historiadora, o de recuperar narrativas, ocultas no patrimônio e que o historiador de ofício não deve permitir que seja invisibilizada. Os lugares de memória, como a Fazenda Velha, são campo de uma luta contra o esquecimento, acompanhada por um desejo de que o passado seja entendido, registrado e dialogue com o presente.

Perscrutar o passado significa entender o presente, o que é possível por meio do diálogo entre o patrimônio histórico e os relatos escritos. O contato com aquela espacialidade de templos múltiplos onde passado e presente ocupam o mesmo cenário, permitiu um exercício fundamental para a historiografia, que deve permitir entender que viver é a relação entre o lembrar e o ser lembrado.,

Escrever sobre a Fazenda Velha só é possível por meio da compreensão de que ali, diferentes tempos se encontram, o das populações que habitavam uma Rondonópolis da primeira metade do século XX com os moradores que se encontram agora habitando o mesmo espaço, os sentidos captados por ambos são bastante distintos. Pensar sobre esta distinção que caracteriza o tempo histórico é possível pela narrativa. O narrador cumpre um papel importante já pensado por Benjamin nas teses “Sobre o Conceito de História”.

O historiador é este narrador, e esta narrativa pretende justamente dar visibilidade ao que foi deixado de lado “[...] como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer” (GAGNEBIN, 2009, p. 44). Esta escrita pretende contribuir com o processo de dar significado ao estudo daquela

territorialidade, visto que ao se constituir em lugar de memória passa a ser fundamental para a constituição de nossa história.

O parecer e as recomendações do Professor Ms. Ivanildo José Ferreira, seguem:

A partir do ano de 2015, o Jornal A Tribuna veiculou notícias sobre desapropriações de terras da Fazenda Velha para construção do Parque Siriema e até um croqui do referido empreendimento foi publicado. O empreendimento está locado na confluência do Córrego Lourencinho com o Rio Vermelho e à montante de ambos. No mesmo período, também realizei uma releitura do livro “Do Bororo ao Prodoeste” de Carmelita Cury, que também tratou da mesma área de terras e da construção de uma casa para sede da fazenda do Marechal Rondon em Rondonópolis, há poucos quilômetros do porto da balsa. Estas foram as motivações pelas quais, nós, membros do Grupo de Pesquisas Interfaces, decidimos por realizar uma Visita Técnica à imediações da obra e território da antiga fazenda, notadamente em sua sede. A casa em si está bastante conservada em sua estrutura original. À distância e de uma observação rápida como pudemos fazer naquela manhã de 07 de abril de 2016, pareceu-me que foram poucas as mudanças realizadas na casa, desde o ano de 1969 quando a conheci, na época já um casarão antigo escondido entre arvoredos, e com o apelido de Fazenda Velha.

Do que vimos naquele dia e enquanto membro do grupo de pesquisa INTERFACES, História, Museologia e Ciências Afins pareceu-me que há necessidade de iniciativas eficazes em duas direções a saber:

1º. É necessário conhecer o projeto de expansão urbana denominado Parque Siriema e Projeto Lua Cheia, os quais pretendem instalações de bens públicos municipais que irão impactar significativamente a área tanto com visitantes e novos bairros, quanto com deslocamento de veículos e cargas, e;

2º. É necessário um olhar técnico e legal sobre o prédio sede da Fazenda Velha, tanto para as perícias necessárias das hipóteses de construção da mesma por Marechal Rondon e seus parentes; quanto, dali por diante, buscas necessárias por eventual tombamento do prédio e/ou projetos de conservação e, em sua ausência, a promoção de estudos técnicos de necessidade e viabilidade, com vistas à conservação do patrimônio histórico e cultural de Rondonópolis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, na primeira parte do artigo apresentamos documentos que comprovam que a Fazenda Morro Azul, chamada de Fazenda Velha, pertenceu ao General Rondon, e também parte de um estudo sobre as relações deste com a cidade e o povo Bororo.

Em seguida, nos dedicamos às memórias de 1970 em diante, onde ressaltamos a parte da Fazenda Velha que era, e ainda se mantém, a sede; fornecendo indícios da cultura material e imaterial baseadas nas relações e sociabilidades desenvolvidas entorno da casa.

Na visita dos historiadores em 7 de abril de 2016, foram elaborados pareceres e recomendações para a preservação e tombamento ao Patrimônio Histórico e Cultural de Rondonópolis e do estado de Mato Grosso, considerando a sua relevância para a região.

Encerramos este artigo, mas não a pesquisa e nem as ações em favor do Patrimônio Histórico e Cultural, lembrando que a “[...] memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, p. 205).

REFERÊNCIAS

- ALBISETTI, César & VENTURELLI, Ângelo Jayme. *Enciclopédia Bororo: Vocabulários e Etnografia*. v. I. Campo Grande, MS: IPE, 1962.
- ALVES, Laci Maria Araújo. Memória e patrimônio histórico em Rondonópolis. *Coletâneas do nosso tempo*. Cuiabá, v. 3, p. 49-60, 1998.
- _____. *Rondonópolis: imagens e memória*. Rondonópolis: Ótima Copiadora, 2001. v. 500. 68p.
- BARCELOS, Roberto. *Memórias Vivas de Rondonópolis*. Rondonópolis: [s.n.] 2005.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz; EdUSP. 1987.
- _____. *O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 3. ed. São Paulo: Atelier, 2003.
- CAMARGO, G.O. (Org.) *Meruri na visão de um ancião Bororo: memórias de Frederico Coqueiro*. Campo Grande, MS: EdUCDB, 2001.
- CAMPOS, Cristina. *Pantanal Mato-grossense: semantismo das águas profundas*. Cuiabá: Entrelinhas, 2004.
- CERTEAU, Michel de et al. *A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar*. 4ª ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

- CURY, Carmelita. *Do Bororo do Prodoeste*. Cuiabá: Alvorada, 1973.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FEITOSA, Beatriz dos Santos de Oliveira. Caminhos e descaminhos que levam à Sonora: experiências, recordações e memórias de migrantes. In: *Anais... VI Encontro Regional de História da ANPUH-MT e I Seminário Internacional de História "Territórios e Fronteiras"*, 2010, Cuiabá - MT. Anais Eletrônicos VI Encontro Regional de História da ANPUH-MT e I Seminário Internacional de História "Territórios e Fronteiras", 2010. p. 17-24.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão. 5.ed. Campinas, SP: EdUNICAMP, 2003.
- LÜBBE, Hermann. Esquecimento e historicização da memória. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 285-300, abr. 2016. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/60826/60264>>. Acesso em: 03 Out. 2016.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2003.
- _____. *História e História Cultural*. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 132p. (Col. História e Reflexões).
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso em: 03 Out. 2016.
- _____. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 03 Out. 2016.
- SILVA, Jocenaide Maria Rossetto. *Do museu como espaço ao museu como lugar de múltiplas interlocuções: os Museus Universitários e as Coleções do Povo Bororo*. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado em História Social) - PUC-Perdizes.
- TESORO, Luci Léa Lopes Martins. *Rondonópolis-MT: Um Entroncamento de Mão Única. O processo de povoamento e de crescimento de Rondonópolis na visão dos pioneiros (1902-1993)*. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo – USP.
- VILHENA-VIALOU A., & FIGUTTI. *Cidade de Pedra: passado no presente*. São Paulo: Maluhy & Co, 2013.
- VILHENA-VIALOU, A. (Org.) *Pré-história do Mato Grosso: Cidade de Pedra*. São Paulo: EdUSP, 2006.

VIVEIROS, Esther de. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural dos Esperantistas, 1969.

WUST, Irmhild. *Projeto Etnoarqueológico e Arqueológico da Bacia do Rio São Lourenço, MT*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Departamento de Ciências Sociais. Museu Antropológico, 1995. Reprodução das publicações de 1982 a 1994 (194p).

WÜST, Irmhild. *Continuidade e mudança: para interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em Ciência Social/Antropologia Social) Universidade de São Paulo- USP. Vol. I, II e III (686p).

Documentos Oficiais

INTERMAT. *Fazenda Jurigue outrora Morro Azul*. Requerente General Cândido Mariano da Silva Rondon em 29 de novembro de 1944, com 20.608 hectares; registrada no Livro 19, folha 24.

INTERMAT. *Fazenda Santo Antônio do Rio Vermelho*, de propriedade de João Lucas Evangelista, com área de 5.083 hectares, título de terra expedido em 10 de maio de 1924; registrada no livro 12, folha 116.

INTERMAT. *Fazenda Burity*, requerida por Belarmino Lucas Evangelista, originária de permuta com a Codemat, registrada no livro 11, páginas 126 -127.

MINISTÉRIO da Agricultura, Industria e Commercio. Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento do Brazil*. Realizado em 01 de setembro de 1920. Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais recenseados no Estado de Matto Grosso. Rio de Janeiro: TVP da Estatística, 1920.

PREFEITURA Municipal de Rondonópolis. DIORONDON N° 3554 _ Rondonópolis, 17 set. 2015.

PREFEITURA Municipal de Rondonópolis. DIORONDON N° 3777 – Rondonópolis, 18 ago. 2016.

PREFEITURA Municipal de Rondonópolis. DIORONDON N° 3581 – Rondonópolis, 27 out. 2015.

PREFEITURA Municipal de Rondonópolis. DIORONDON N° 3573 – Rondonópolis, 15 out. 2015.

PREFEITURA Municipal de Rondonópolis. DIORONDON N° 3529 – Rondonópolis, 12 ago. 2015.

PREFEITURA Municipal de Rondonópolis. DIORONDON N° 3439 _ Rondonópolis, 31 mar. 2015.

PREFEITURA Municipal de Rondonópolis. DIORONDON N° 3509 _
Rondonópolis, 15 jul. 2015.

Documentos Impressos

CARVALHO Joaquim. *Fotografias enviadas à pesquisadora por grupos sociais*. 2016.

FARIAS, Clotildes. *As primeiras famílias de Rondonópolis*. (Informações e documentos enviados a pesquisadora por grupos sociais). Rondonópolis, 2016.

FEITOSA, Beatriz Oliveira dos Santos. *Fazenda Velha: parecer e recomendações*. Rondonópolis, MT 03 de outubro 2016. (digitado) 01p

FERREIRA, Ivanildo José. *Uma nota sobre a Fazenda Velha*. Rondonópolis, 2016. (digitado) 10p.

_____. *Fazenda Velha: parecer e recomendações*. Rondonópolis, MT 03 de outubro 2016. (doc. digitado) 01p.

GALDINO, Alessandra Alves. *Relatório de Estágio em Arqueologia*. Rondonópolis, 2016. (digitado) 06p.

NEVES, Everton de Oliveira. *Diário de Campo: Fazenda Velha*. Rondonópolis, 2016. (digitado) 03p.

SOUZA, Joadila Albino de. *Relatório de Estágio em Arqueologia*. Rondonópolis, 2016. (digitado) 03p.

SOUZA, Evalderiany Honorata. *Relatório das aulas de campo do Estágio de Arqueologia no Morro Solteiro*. Rondonópolis, 2016. (digitado) 27p.